

Psique

ANO VII nº 87 www.portalcienciaevida.com.br

LEGADO DE FREUD REAGE CONTRA
DISTORÇÕES NA PRÁXIS DA ÁREA

DESAFIOS FEMININOS

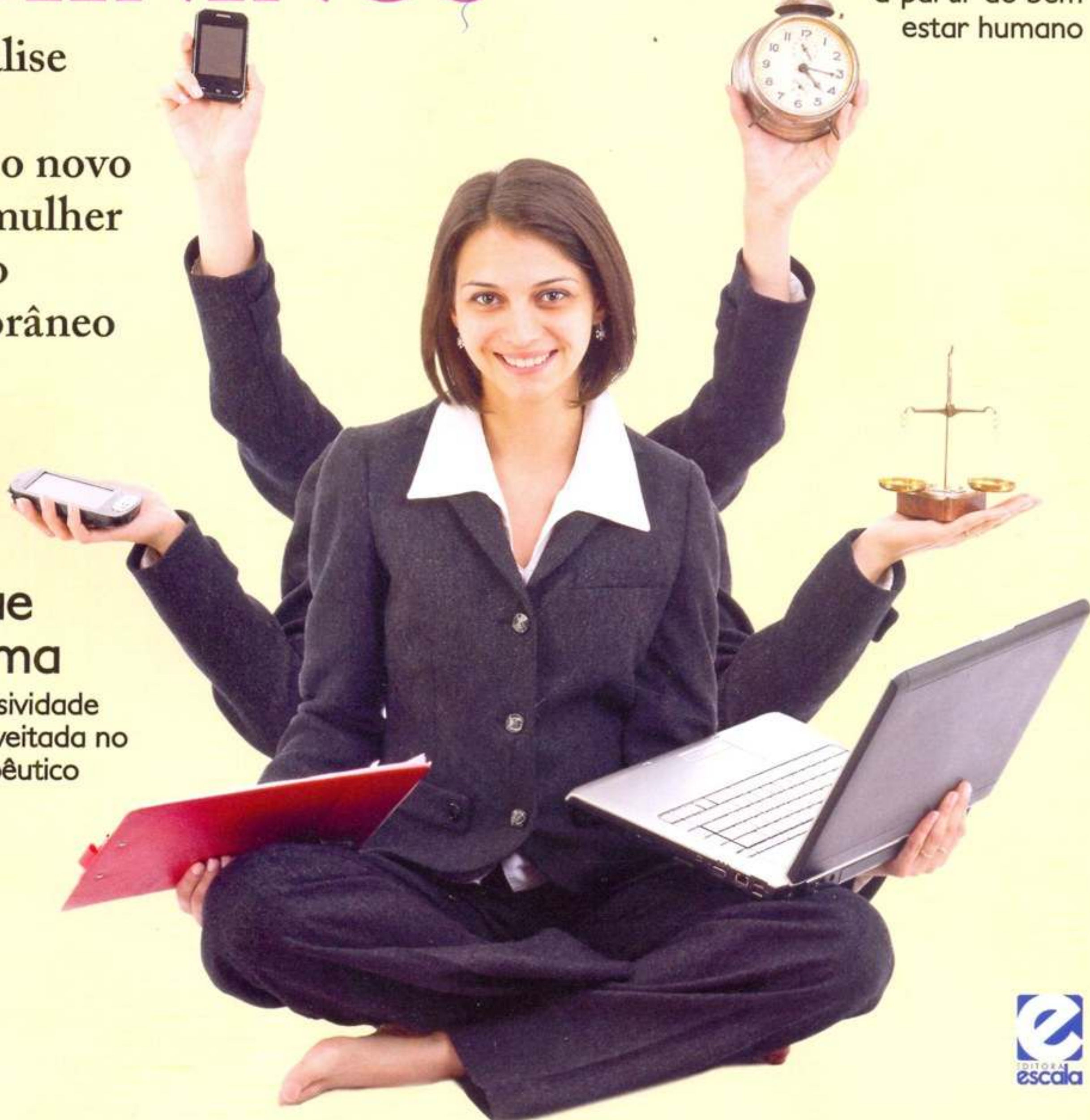
A Psicanálise
analisa os
dilemas e o novo
papel da mulher
no mundo
contemporâneo

Raiva que
transforma

Como a agressividade
pode ser aproveitada no
processo terapêutico

O outro
lado da força

A Psicologia Positiva
quebra paradigmas
a partir do bem
estar humano



NUMERO 87 - PREÇO R\$ 7,90
ISSN 1809-0796
9 771809 079009



A PRÁTICA *da Psicanálise*

O apelo por soluções rápidas que prometem alívio do sofrimento psíquico e a oferta desenfreada de formações psicanalíticas enganosas impõem desafios à preservação do legado freudiano

Por Cláudia A. Carneiro

O extraordinário avanço tecnológico por que passamos em meio século aponta um paradoxo e uma convicção sobre nós mesmos. O homem criou inúmeros meios de vencer barreiras geográficas e do tempo e pode comunicar-se, em questão de segundos, com seu semelhante no outro lado do mundo. Mas sente-se cada dia mais só. Rodeado da parafernália tecnológica, vive a onipotência de ter acesso a tudo e a todos, enquanto torna-se mais isolado e individualista.

Esse é um paradoxo de nossos tempos. A convicção, por outro lado, é a da tendência humana a estabelecer laços. Diante do sofrimento da atualidade, que é do vazio e da insuficiência, nunca se consumiu tanto medicamento na busca de soluções rápidas para o mal-estar da alma. Mas também nunca se produziram tantos artificios para ampliarmos nossas ligações com os outros.

É por isso mesmo que a Psicanálise continua sendo um recurso privilegiado na era atual. A disciplina criada por Freud há mais de 100 anos se apresenta, em sua prática clínica, como opção de encontro com um outro disponível a ajudar a pessoa a lidar com as dificuldades da vida e, sobretudo, a dificuldade de olhar para a sua realidade interior e

o seu desamparo. O diálogo analítico se propõe a ajudar o paciente a investigar seus aspectos inconscientes e alcançar benefícios com a mudança psíquica.

O consumo crescente e desenfreado de psicofármacos que prometem alívio do sofrimento é o sintoma de uma sociedade de excessos e imediatista. Dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) mostram que, nos últimos três anos, houve um aumento de até 83% na venda dos antidepressivos e calmantes mais populares entre médicos e consumidores (*Correio Braziliense*, 13 de outubro de 2012). Segundo estatística do Ministério da Saúde, uma em cada cinco pessoas no Brasil tem algum tipo de transtorno mental.

Na mesma linha, pesquisa de 2008 da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), em parceria com o Instituto Ibope, estimou que 12,6% das crianças e adolescentes brasileiros, entre 6 e 17 anos, apresentam sintomas de transtornos

Cláudia A. Carneiro é psicanalista, psicóloga e jornalista. É membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB), Febrapsi e IPA. É coordenadora da Comissão de Divulgação e Imprensa da SPB e editora do jornal *Associação Livre*.

A mão do Estado

Em países da Europa e nos Estados Unidos, psicanalistas reivindicaram uma ação do Estado para obterem reconhecimento específico que os distinguiria dos psicoterapeutas, ou ainda um credenciamento que os incluiria na corporação dos profissionais da saúde e, portanto, no guarda-chuva do sistema de saúde pública (Roudinesco, 2005).

Na Alemanha, só podem praticar livremente a Psicanálise psicólogos ou psiquiatras com diplomas reconhecidos pelo Estado; todos os outros, seja qual for a formação, para atender dependem de uma recomendação entregue por um médico.

Na Itália foi criado um conselho das instituições de psicoterapia reconhecidas e este decide quem é habilitado ao exercício da psicoterapia. Os psicanalistas decidiram credenciar as suas escolas de formação como institutos de psicoterapia. Na Áustria, a Psicanálise é considerada pelo Estado como uma psicoterapia especial, praticada por médicos, psicólogos ou psicoterapeutas. Esses são reconhecidos pelo Estado e incluídos nos serviços de saúde.

Na Inglaterra, os psicanalistas e as profissões da saúde possuem *status* privado e um organismo dotado de legislação específica. Nos Estados Unidos, foi criado um conselho de credenciamento para o ensino da Psicanálise, o *Psychoanalytic Consortium*, que aceita candidatos das diversas profissões da saúde. Na França, a Psicanálise ficou de fora da regulamentação dos tratamentos psi em razão da lei sobre a política de saúde, mas parte das instituições psicanalíticas se comprometeu a informar suas listas de associados ao governo.

PARA SABER MAIS

O universo psi no Brasil*

4 mil psiquiatras
160 mil psicólogos psicoterapeutas
150 mil terapeutas (incluindo novas terapias e medicinas paralelas)
2.053 psicanalistas associados à IPA

*Números estimados



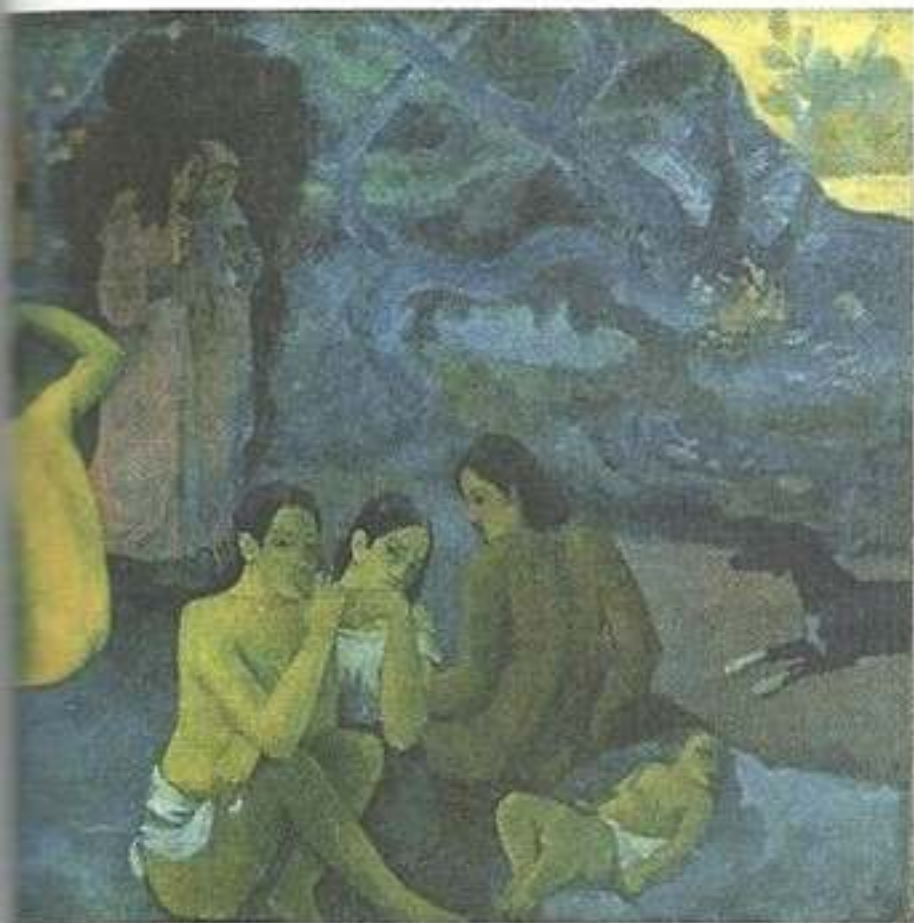
Rodeado da parafernália tecnológica, o homem vive a onipotência de ter acesso a tudo e a todos, enquanto torna-se mais isolado e individualista

mentais importantes. Pelo levantamento, disponível no site da ABP, mais de 3 milhões de crianças e adolescentes poderiam ser diagnosticados com hiperatividade e déficit de atenção. Apela-se à ritalina sem se discutir as causas reais e os determinantes psíquicos desse mal-estar.

Estamos, sem dúvida, diante de um grande desafio, como propõe o psicanalista Elias Mallet da Rocha Barros. “Trabalhamos com a palavra, com o significado da experiência emocional, tendo como arma principal a interpretação comunicada verbalmente aos nossos pacientes na situação analítica”, afirma Barros (2003, p. 47). Os psicanalistas, prossegue ele, têm a tarefa de demonstrar, na prática clínica, que a palavra interpretativa que comunica significados da experiência emocional modifica a vida psíquica do indivíduo. No trabalho analítico, observamos como a Psicanálise oferece uma experiência singular que transforma o sujeito.

Esse não é o único desafio dos psicanalistas que preservam e divulgam o legado de Freud. A profusão de práticas terapêuticas de caráter psicológico – muitas delas utilizando-se dos conceitos freudianos sem, contudo, valer-se do rigor da teoria e da ética psicanalítica – criou o que Roudinesco (2005) chama de “o grande mercado da ilusão terapêutica”. Segundo relata, mais de 700 escolas de psicoterapia floresceram no mundo a partir de 1950, sobretudo nos Estados Unidos, para responder à demanda da sociedade por cuidados psíquicos.

Terapias que fogem do campo científico do psiquismo oferecem como atrativo a promessa de uma libertação imediata da angústia e dos desassossegos da alma. Afirmam-se num pensamento



De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?, do pintor francês Paul Gauguin (1848–1903), retrata a preocupação do artista com questões existenciais e reflete seu esforço para expressar o drama da alma humana

mágico e sustentam a ideia de cura ligada à influência do terapeuta sobre o paciente (sugestão) e à crença deste no poder terapêutico daquele (Roudinesco, 2005).

Com o propósito de “separar os bons profissionais dos oportunistas”, a Federação Nacional dos Terapeutas (Fenate) tentou aprovar no Congresso Nacional projeto de lei regulamentando o exercício

A Psicanálise se apresenta, em sua prática clínica, como opção de encontro com um outro disponível a ajudar a pessoa a lidar com as dificuldades da vida

das atividades de terapias e criando Conselhos Federal e Regionais de Terapeutas. Na justificativa da proposta, estimou-se em 150 mil o número de terapeutas no Brasil e foram relacionadas 60 modalidades de terapias – incluindo psicoterapia e Psicanálise – cujas atividades deveriam ser regulamentadas (Lima, 2009). Ora, não há qualquer consenso entre psicanalistas que sustente a pertinência de uma regulamentação da profissão.

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), filiada à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), e outras dezenas de instituições tradicionais na formação de psicanalistas no país nunca apoiaram as propostas surgidas de regulamentação da profissão pelo Estado. No caso desse projeto de lei, do ex-senador Almeida Lima (PPS-SE), seria um despropósito retirar dessas instituições tradicionais a autonomia de funcionamento para se submeterem a um conselho que não tem como modelo os requisitos do processo de formação por que passa um analista. A Psicanálise, como deveria ser, saiu da lista proposta pela Fenate.

Quanto ao projeto de lei, foi arquivado em dezembro de 2010.

Regulamentação?

Nos últimos 50 anos, ocorreram pelo menos nove tentativas de regulamentação da profissão de psicanalista, sob a alegação de que esta protegeria a população que recorre a tratamento psicanalítico como também os psicanalistas. Os grupos defensores das propostas apresentadas ao Congresso Nacional, em geral, não tinham compromisso com os fundamentos estabelecidos há um século, que norteiam a prática da Psicanálise e vêm sendo mantidos pela comunidade psicanalítica brasileira. O que leva a entender que esses grupos defendiam exclusivamente seus interesses particulares e não tinham como finalidade o bem-estar da população.

Preocupada com o surgimento de formações psicanalíticas oferecidas por instituições inescrupulosas, que deturpavam o pensamento freudiano, a comunidade psicanalítica reagiu. A Febrapsi com suas filiadas nos estados e outras 39 entidades representativas do campo



• Natureza alegórica •

Eugène-Henri-Paul Gauguin foi um pintor francês do pós-impressionismo. Desenvolveu as técnicas do “sintetismo” e “cloisonnisme” (alveolismo), estilos de representação simbólica da natureza onde são utilizadas formas simplificadas e grandes campos de cores vivas chapadas, que ele fechava com uma linha negra, e que mostravam uma forte influência das gravuras japonesas. A sua pintura é caracterizada por uma natureza alegórica, decorativa e sugestiva e por formas dimensionais, estilizadas, sintéticas e estáticas.



Nunca se produziram tantos artifícios para ampliarmos nossas ligações com os outros, o que mostra uma tendência humana de estabelecer laços. Em contrapartida, também nunca se consumiu tanto medicamento na busca de soluções rápidas para o mal-estar da alma

Atividade reconhecida pelo governo

Como se trata de uma atividade, a prática da Psicanálise está incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002, do Ministério do Trabalho e Emprego. Ou seja, a CBO identifica as ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios e administrativos. Reconhece a existência de uma ocupação e não trata de regulamentação profissional, esta realizada por meio de lei feita pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República.

A CBO identifica o ofício "psicanalista" em dois códigos, um como sinônimo de médico psiquiatra (2251.33) e outro no grupo "psicólogos e psicanalistas" (2515.50). "Como condições gerais do exercício", a CBO esclarece que "a ocupação psicanalista não é uma especialização, é uma formação, que segue princípios, processos e procedimentos definidos pelas instituições reconhecidas internacionalmente, podendo o psicanalista ter diferentes formações como: psicólogo, psiquiatra, médico, filósofo etc." No item "Formação e experiência", explicita que "para o psicanalista é necessário (sic), no mínimo, cinco anos de experiência".

Pesquisa da ABP estimou que 12,6% das crianças e adolescentes brasileiros entre 6 e 17 anos apresentam sintomas de transtornos mentais importantes

– totalizando 65 – formaram, em 2000, o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, para defender a postura histórica do movimento psicanalítico internacional.

Em manifestos à população, assinados por 65 entidades (e apoio de outras 10, dentre elas Conselho Federal de Medicina, Conselho Federal de Psicologia e Associação Brasileira de Psiquiatria), o Movimento Articulação explicita as razões pelas quais resiste à regulamentação – a singularidade e o rigoroso processo de formação e ofício do psicanalista, em

observância aos princípios freudianos, e as tentativas de profissionalização incompatíveis com esses princípios. Adverte ser "essencial que o instrumento que Freud nos legou seja tratado com cuidado, para que não se percam os seus melhores efeitos ao se desvirtuarem os seus princípios" (Alberti e outros, 2009, p. 163).

Costumo dizer que a regulamentação é um espinho no dorso da comunidade psicanalítica brasileira. E por quê? A Psica-

nálise não é uma profissão que se conquista com um diploma. É um ofício. Compreende um longo trajeto de experiência pessoal original, própria do inconsciente. O domínio teórico não torna uma pessoa analista. Nem um título de especialista registrado em um conselho autorizando-o a praticar tal ofício. É a experiência de seu próprio inconsciente que, ao longo de anos, capacitará o candidato a analista à escuta de seu paciente numa situação considerada psicanalítica.

Formação artesanal

A formação do analista é um processo artesanal, assumido por instituições privadas, com critérios definidos a partir dos padrões estabelecidos há um século pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA). A entidade foi fundada por Freud, em 1910, para preservar a Psicanálise e contribuir para seu desenvolvimento. Há variações na modelagem e nos requisitos da formação de entidades que não fazem parte da IPA, mas os princípios são os mesmos.

As instituições filiadas à IPA (sociedades, grupos de estudo e núcleos da Febrapsi) sustentam seu padrão de formação baseado no tripé: análise pessoal de longa duração, aprendizado teórico e



Nos últimos três anos, houve um aumento de até 83% na venda dos antidepressivos e calmantes mais populares entre médicos e consumidores. O consumo crescente de psicofármacos é o sintoma de uma sociedade de excessos e imediatista

técnico e trabalho clínico supervisionado. O pretendente à formação deve ter curso superior e submeter-se a uma seleção. As poucas sociedades que aceitam profissionais não médicos e não psicólogos definem seus próprios requisitos, como realização de estágio supervisionado em clínica psiquiátrica.

O processo de seleção fica a critério de cada instituto de Psicanálise ligado à sociedade da IPA. Uma vez selecionado, o candidato a psicanalista inicia sua análise pessoal de alta frequência (3 a 5 sessões semanais) com analista qualificado para essa função. A duração mínima é de cinco anos. Paralelamente, cumpre pelo menos quatro anos de seminários teóricos da obra de Freud e outros autores; seminários clínicos; e cerca de quatro anos de supervisão de pelo menos dois casos em tratamento, com supervisor qualificado para tal função. A formação é complementada com a participação em reuniões científicas, clínicas e grupos de estudo.

Esse longo trajeto varia de cinco a dez anos, dependendo do programa de cada instituto e do tempo do candidato para cumpri-lo. Mas dá para entender que a formação do analista é um processo permanente, continuado no diálogo com os pares, com os textos clássicos e contemporâneos e com a experiência clínica.

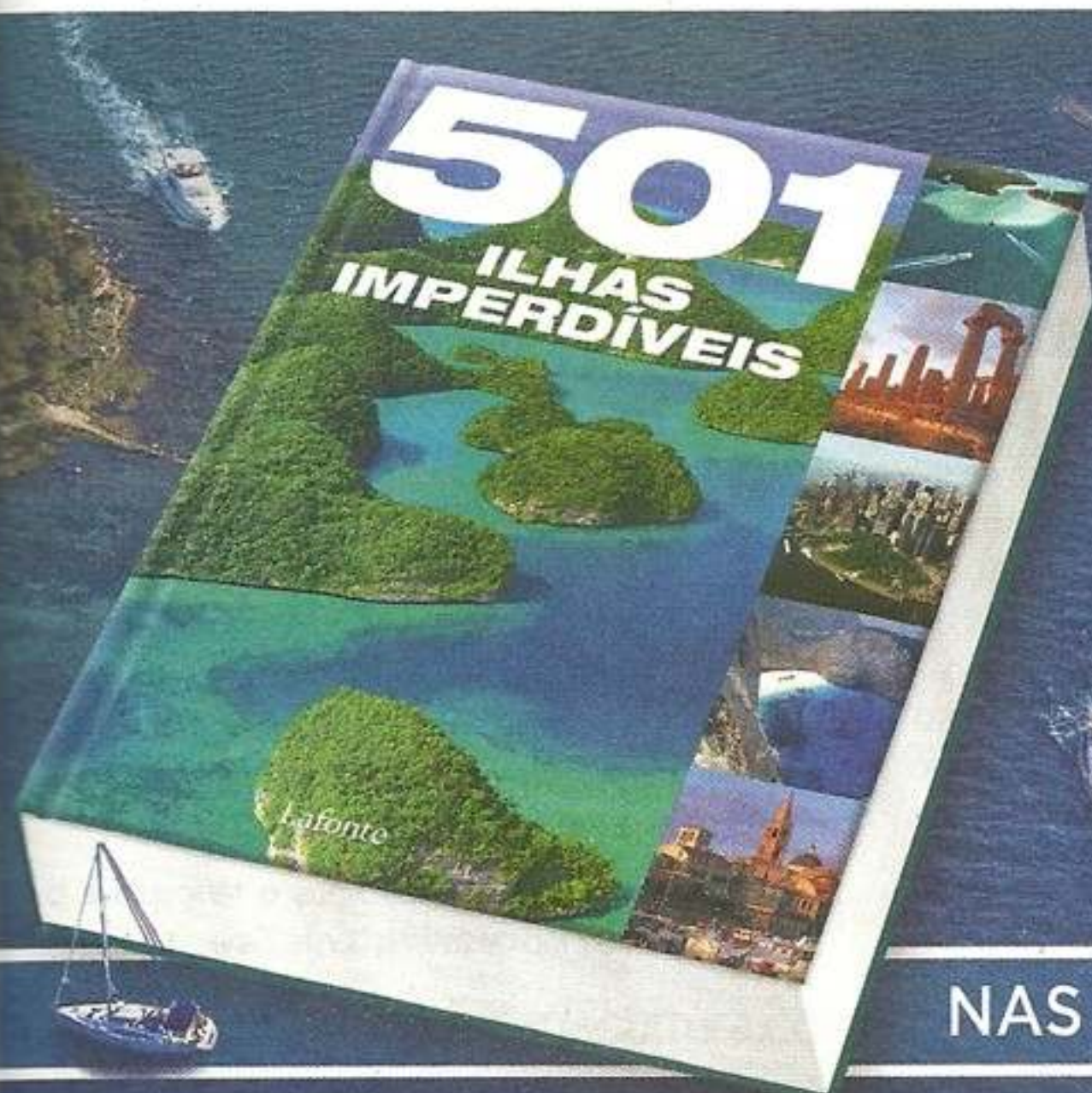
Terapias que fogem do campo científico do psiquismo oferecem como atrativo a promessa de uma libertação imediata da angústia e dos desassossegos da alma



As instituições filiadas à IPA (sociedades, grupos de estudo e núcleos da Febrapsi) sustentam o padrão de formação do psicanalista baseado no tripé análise pessoal de longa duração, aprendizado teórico e técnico e trabalho clínico supervisionado

Percebe-se, então, a falta de afinidade entre a Psicanálise e o modelo de ensino da universidade, apesar da rica interlocução mantida entre elas. Pois ensino e formação não são a mesma coisa. Em 1919, Freud escreveu que a Psicanálise pode

muito bem ser ensinada na universidade, mas como disciplina: "Esse menino [a Psicanálise], na verdade, só pode ser ministrado de maneira dogmática e crítica, por meio de aulas teóricas" (Freud, 1919). Reafirmou que apenas a experiência da



Uma porção de informações rodeada de imagens deslumbrantes por todos os lados.

501 ilhas Imperdíveis é uma fonte inestimável de inspiração para você que deseja explorar as ilhas mais fascinantes do mundo. Venha conhecer esses paraísos naturais, seja visitando-as de verdade ou apenas do conforto de uma poltrona!

NAS LIVRARIAS

www.editoralafonte.com.br

Lafonte



Distorções e abusos ocorrem em nome de uma suposta prática psicanalítica. Basta um acesso ao Google para constatar os incontáveis cursos de Psicanálise colocados à venda no mercado virtual, como um golpe à pretensão de Freud, que defendia a "Psicanálise leiga"

análise pode propiciar a formação clínica e didática de um psicanalista.

Uma regulamentação pelo Estado submeteria a Psicanálise a regras incompatíveis com seus padrões de formação. Como delegar à universidade a análise pessoal do estudante, a quantidade mínima de sessões, o longo tempo de duração? Como garantir, no espaço acadêmico, uma experiência clínica supervisionada de anos a fio? Como a universidade disporia dos instrumentos necessários para tal tarefa? A afirmação é de Freud (1926): "O que realmente importa é que as possibilidades de desenvolvimento que a Psicanálise traz em si não podem ser justificadas por leis ou regulamentos" (p. 240).

Psicanálise leiga

Freud (1926) defendeu com vigor a "Psicanálise leiga" por entender que a habilitação dada pela universidade a um médico ou psicólogo não o autorizava a ser psicanalista. Ele afirmava a independência da Psicanálise do poder religioso, estatal, médico e universitário. Essa condição propiciou a expansão do campo psicanalítico, porém, como um golpe à pretensão de Freud, levou sua ciência às prateleiras do dito mercado da ilusão terapêutica. Distorções e abusos ocorrem em nome de uma suposta

A Fenate tentou aprovar um projeto de lei regulamentando o exercício das atividades de terapias e criando Conselhos Federal e Regionais de Terapeutas

prática psicanalítica. Basta um acesso ao Google para constatar os incontáveis cursos de Psicanálise colocados à venda no mercado virtual.

Multiplicam-se, como vírus, cursos *on-line*, sindicatos e "escolas de Psicanálise" que se propõem a habilitar "profissionais" a realizarem atendimento clínico sem o devido preparo. Escolas vinculadas a igrejas evangélicas formam "psicanalistas" mesclando religião e metapsicologia freudiana. A Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), vinculada à igreja evangélica e fundada em 1996, anuncia em seu *site* ter "aceito o desafio de promover uma ousada ação de ensino dessa ciência-arte em todo país". E divulga já ter formado 3 mil psicanalistas!

As distorções na doutrina e na práxis da Psicanálise levam parte da comunidade psicanalítica a discutir possibilidades de regulação. Atenta-se para os riscos à

saúde mental da população que recorre a profissionais sem preparo para o ofício psicanalítico. Diante da propaganda enganosa de instituições espúrias que tentam se credenciar, a comunidade psicanalítica tem a responsabilidade de reagir. E, de forma organizada, tornar de conhecimento público as instituições que atendem aos padrões mínimos de formação recomendados pela IPA. Com instituições filiadas e analistas em 48 países, a IPA soma, hoje, 12.370 membros formados nesses padrões.

No Brasil, a Febrapsi reúne 11 sociedades, quatro grupos de estudo e nove núcleos, em 15 estados, com 2.053 membros. O cenário brasileiro da Psicanálise poderia ser retratado no clássico questionamento representado na pintura do artista francês Paul Gauguin *De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?*, de 1897. Podemos nos situar em razão da origem e do contexto atual desse cenário. Porém, a considerar os ataques vorazes e permanentes ao patrimônio da Psicanálise, não podemos alegar inocência nem prever para onde vamos.



• Evolução da vida •

De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?, de 1897, é uma tela de 4 metros, pintada em apenas um mês por Gauguin (foto). Da direita para esquerda é possível notar uma evolução da vida humana. Começando com uma criança no canto, um adulto ao meio, em contato com o conhecimento, e no outro extremo uma velha anciã. A tela sintetiza toda a sua pintura, realizada antes de uma frustrada tentativa de suicídio utilizando arsênico.

REFERÊNCIAS

Alberti, S.; Amendoeira, W.; Lannes, E.; Lopes, A.; Rocha, E. (Orgs.). *Ofício do psicanalista: formação vs. regulamentação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

Freud, S. *Sobre o ensino de Psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro: Imago, 1987 (edição standard brasileira, volume XVII).

_____. *A questão da análise leiga*. Rio de Janeiro: Imago, 1987 (edição standard brasileira, volume XX).

Lima, A. *Projeto de lei 64/2009*. Disponível em: http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=89701. Acessado em: 10 jan 2012.

Roudinesco, E. *O paciente, o terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.